FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

# O fungo da discórdia

*O trigo norte-americano está proibido no Brasil há dois anos por causa do fungo* Tilletia controversa kuhn. *Isto fez com que os argentinos dominassem amplamente o mercado brasileiro, aproveitando uma proteção de 13% e o frete mais favorável.*

O início do plantio do trigo deve acontecer ainda em meio a incertezas. Principalmente uma incerteza: qual o tamanho da redução do plantio? O desalento é maior entre os produtores gaúchos, mas também afeta os paranaenses. Apenas nas pequenas áreas remanescentes dos estados centrais e São Paulo ainda há agricultores pensando em plantar mais do que no ano passado. Pelo menos para o maior estado produtor, o Paraná, há oferta suficiente de sementes para repetir o que se cultivou no ano passado.

O histórico da cultura do trigo mostra que, se o subsídio ao consumo foi mantido coerentemente durante sua longa duração, o mesmo não se pode dizer dos incentivos à produção, sempre oscilantes e chegando com atraso.

Este ano, a situação não está diferente. Até meados de março, não se tinha ainda definido o preço mínimo do produto. Os agricultores reivindicavam que passasse de R$157/t para R$181/t, mas as opiniões encontradas no mercado eram de que dificilmente o governo daria reajuste semelhante, se desse algum reajuste.

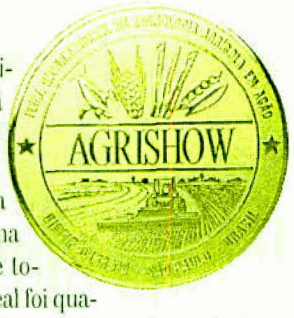
As divergências quanto ao preço mínimo não eram as únicas. Entidades representativas dos triticultores, como a Organização das Cooperativas do Paraná – Ocepar – reivindicaram juros mais baixos no crédito rural para o plantio de inverno (de 9,5% para 6%), contratos de opção válidos igualmente para as cooperativas e não apenas para os produtores rurais isoladamente, autorização para que as cooperativas que trabalham com o trigo pudessem comprar cédulas de produto rural e seguro agrícola cobrindo também problemas climáticos durante a colheita. Nada disso tinha sido decidido no momento mais propício, em fevereiro, pelo menos um mês antes do início da semeadura.

Ora, em um mercado cuja comercialização deixou a desejar, esta demora foi um grande complicador a mais e fator de incentivo à escolha pela opção do milho da safrinha, mesmo que este não seja recomendado pela Embrapa.

O mecanismo de apoio à comercialização (Prêmio de Escoamento da Produção – PEP) está sem recursos para prosseguir seus leilões, o que praticamente paralisou as compras das indústrias.

Outro problema diz respeito à dependência brasileira da Argentina no fornecimento do cereal. Além das vantagens que o Mercosul concede aos vizinhos, o trigo norte-americano está proibido no Brasil há dois anos, devido à incidência, nas lavouras dos EUA, do fungo *Tilletia controversa kuhn*. Isto fez com que os argentinos dominassem amplamente o mercado brasileiro, aproveitando uma proteção de 13% (TEC ampliada em 3%) e o frete mais favorável.

O problema é que a atual safra argentina foi de muito má qualidade e é necessário usar o trigo canadense como melhorador (o brasileiro não pode ter esta característica). O trigo do Canadá é melhor, mas está bem mais caro e a proporção usada na mistura vem sendo de 90% de trigo argentino e 10% de produto canadense. As proporções que vinham sendo empregadas eram de 40% do grão canadense, 30% do argentino ou norte-americano e até 30% do brasileiro. Não se está usando trigo brasileiro também porque a safra foi pequena (2,9 milhões de toneladas) e o cereal foi quase todo consumido nas zonas de produção.




Existe no setor industrial uma visão ainda incipiente de que o governo brasileiro deveria reavaliar a proteção dada aos argentinos, para levá-los a um comportamento, pode-se dizer, mais profissional. Segundo empresas do setor, produto inferior daquele país é comumente misturado ao de uma safra seguinte e direcionado ao Brasil, quando deveria ser empregado na fabricação de rações.

Outro ponto importante é que os agricultores argentinos acostumaram-se a produzir sem fertilizantes, mas diante da grande oportunidade que é vender aos moinhos brasileiros passaram a produção para o atual patamar de 14 milhões de toneladas, *com* emprego de fertilizantes. Ocorre que a produção aumentou, mas a qualidade caiu.

Na panificação, por exemplo, o uso do trigo argentino está sendo problemático, este ano, pois cerca de 80% do pão consumido no Brasil são do tipo francês, de curta vida útil (seis a oito horas) e feitos sem fôrma. A massa que está sendo produzida com o trigo argentino se desmancha.

Esse tipo de dificuldade poderá ser contornado – ou atenuado – em breve, caso o governo brasileiro libere as importações do trigo dos EUA. Em recente reunião do Comitê de Sanidade Vegetal do Mercosul, de que o Chile também participa, discutiu-se a liberação, por se considerar que o fungo da discórdia teria poucas condições de crescimento no clima da região produtora brasileira.

*E-mail: ferfal@fgv.br*

## Brasil: Produção de trigo – safras 1996 e 1997

| | 1996 | | | 1997 | | |
|---|---|---|---|---|---|---|
| *Estado* | *Área* | *Produção* | *Rendimento* | *Área* | *Produção* | *Rendimento* |
| Paraná | 1.085.444 | 2.103.000 | 1.938 | 944.000 | 1.719.000 | 1.821 |
| Rio G. Sul | 587.368 | 1.035.573 | 1.763 | 475.659 | 590.175 | 1.241 |
| S.Catarina | 71.712 | 105.056 | 1.465 | 41.999 | 43.537 | 1.555 |
| Mato G.Sul | 47.308 | 49.992 | 1.057 | 29.764 | 47.087 | 1.582 |
| São Paulo | 18.000 | 25.200 | 1.400 | 14.430 | 27.420 | 1.900 |
| M. Gerais | 5.158 | 21.387 | 4.146 | 3.154 | 14.311 | 4.537 |
| Goiás | 5.094 | 18.439 | 3.620 | 2.716 | 8.196 | 3.018 |
| Brasil | 1.820.084 | 3.359.447 | 1.846 | 1.539.901 | 2.449.726 | 1.620 |

Fonte: IBGE, dezembro de 1997.